

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
29 de outubro de 2022

ALMA VIVA / 2022

Um filme de Cristèle Alves Meira

Realização: Cristèle Alves Meira / *Argumento:* Cristèle Alves Meira, Laurent Lunetta / *Diretor de fotografia:* Rui Poças / *Montagem:* Pierre Deschamps / *Diretor de Arte:* Rafael Mathé / *Conselheiro artístico:* Julien Michel / *Assistente de realização:* Ângela Sequeira / *Som:* Amaury Arboun, Ingrid Simon, Philippe Charbonnel / *Música original:* Amine Bouhafa / *Interpretação:* Lua Michel, Ana Padrão, Jacqueline Corado, Ester Catalão, Duarte Pina, Arthur Brigas, Catherine Salée.

Produção: Fluxus Films, Midas Filmes, Entre Chien et Loup / *Produtores:* Pedro Borges, Gaëlle Mareschi / *Cópia:* DCP, cores, com legendas em português nos diálogos em francês / *Duração:* 87 minutos / *Estreia Mundial:* Festival de Cannes, França, 18 de maio de 2022 / *Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa*

Com a presença de Cristèle Alves Meira

A certo momento do seu filme, uma personagem diz: “Mais tarde ou mais cedo todas as mulheres independentes são acusadas de bruxaria”. Explicita-se então o que se passa nas suas obras: Sol Branco, Campo de Víboras, Alma Viva. É uma família de gente encarcerada que busca uma libertação.

Essa frase é central. Resume o retrato que traço dessas mulheres. Há de todas as gerações, a avó, a tia, a neta. O que as liga é o facto de serem transgressoras. A avó porque teve um amor interdito com o vizinho. Ou seja, tem uma sexualidade liberta. Além disso, tem um dom, recebe pessoas em casa para ouvir falar os espíritos. É bruxa. Documentei-me e concluí que na época da minha avó, ou da avó de Salomé [a personagem principal], ser bruxa na aldeia era uma forma de poder. Naquelas aldeias os pobres não tinham poder. Ser bruxa era granjear respeito. Do lado de Fátima [Ana Padrão, que interpreta uma tia de Salomé], a sua transgressão é ser homossexual, é viver um amor transgressivo com a vizinha. Esse amor está em pano de fundo, não o quis abordar de forma frontal...

... é um apontamento, é subtil...

... sim, mas há planos que contam esse amor, que aliás estava em esquisso em Campo de Víboras. No caso da mãe de Salomé, é uma mulher sem marido. Dizem-lhe às tantas: “Salomé, não se sabe quem é o pai da tua filha”. É também o retrato de uma mulher com uma sexualidade livre. No caso da nossa pequena Salomé [Lua Michel], ela está fora do retrato que a sociedade impõe da menina gentil, sensível. É o contrário disso, com a sua parte de obscuridade, de negrume, porque vai nascer nela um desejo de vingança e de morte. Ela emancipa-se assumindo o seu negrume.

Essa frase que diz o Tio Dantas é um provérbio que encontrei nas pesquisas e que me serviu de alerta. O que se condenava nas bruxas era a sexualidade livre e o poder mágico. Forjou-se essa imagem das mulheres para as condenar. Não é por acaso que as feministas dos anos 60 se socorrem dessa figura. Efectivamente, toda a mulher independente será um dia uma bruxa.

(...)

Regressar as origens: Sol Branco, Campo de Víboras e Alma Viva. Um território e as suas histórias. Havendo algo de explícito e de catártico, é um ponto de chegada de um percurso pelo oculto, pela coabitação entre o realismo e o fantástico? Algo acaba aqui?

Não é fácil prever. A sensação, ao ouvi-lo, é de que é um ponto de chegada. Quando comecei Sol Branco, estava já a escrever Alma Viva. Sol Branco, Campo de Víboras e Invisível Herói prepararam Alma Viva. O meu desejo de fazer cinema era contar esta história. Mas não tinha feito a escola de cinema e era preciso preparar o território. Demora a escrever, demora a encontrar financiamento.

O que me deu vontade de fazer cinema foi uma região, Trás-os-Montes. A aldeia onde rodámos é a aldeia da minha avó materna. Todas as pessoas que estão no filme viram-me nascer. Salomé é interpretada pela minha filha. É um terreno que conheço intimamente. É sempre a mesma montanha, já aparecia em Sol Branco. São montanhas feitas de algo actual e ao mesmo tempo os meus antepassados estão nelas: a impressão do tempo que parou, os costumes, as tradições, a transmissão, a relação com a terra e as estações. Alma Viva é um condensado de histórias poderosas e misteriosas que as mulheres da aldeia contavam à lareira. É como a memória arcaica de Portugal. É o regresso a essa ruralidade que me impeliu a filmar.

*A questão do realismo e do fantástico é algo que prosseguirei. Está no modo de filmar, entre realidade e ficção. (...) Descobri [Maurice] Pialat tarde. Vi La Gueule Ouverte [1974] apenas quando montava Alma Viva, mas já tinha lido sobre Pialat e é impressionante a forma como me reconheci quando ele diz que o cinema é uma forma de ver o mundo e de olhar realmente para o real. É preciso ir em direcção a ele sem fazer de conta. É por isso que há tão poucos actores profissionais no filme e que dou grande importância aos rostos, às vozes. O dialecto é muito importante. Fui muito exigente com os cinco actores profissionais. Pedi-lhes um trabalho de composição que os colocasse a fazer parte da aldeia (...).**

Como apareceu na sua vida o cinema? Uma fuga, para escapar a um universo e poder contá-lo? E como é que as pessoas da aldeia a receberam e à sua equipa?

Há um lado de catarse e de inconsciente. Regresso a coisas íntimas e falo dos meus antepassados. A casa da avó era mesmo a casa da minha avó. Há coincidências perturbantes. Penso numa frase do [realizador espanhol] Carlos Saura. Cria Cuervos [1976] acompanhou-me, é um fantasma no meu filme. Ele dizia que filmava para escapar aos seus fantasmas. Há imensos fantasmas na minha vida e o cinema é uma forma de me libertar.

Como o cinema chegou àquela aldeia? Tive a lata de o fazer. Aquelas pessoas viram-me nascer. Inspirei-me em histórias que me contaram, nas suas vidas. Por exemplo, Gracinda, a antagonista, a má, Marta na vida real: ela é mesmo assim. A personagem nasceu de histórias que ouvi sobre Marta. Ela podia dizer-me que não queria ser a má da fita. Mas o cinema coloca à distância as coisas íntimas e as pessoas entram no jogo.

Ela tem 87 anos, trabalhou 20 dias, tinha cenas de noite. E divertiu-nos a contar aquelas histórias e sentimos orgulho em levá-las aos olhos do mundo.

O território humano é o que mete medo. As pessoas, os corpos – a cena em que a avó é lavada, por exemplo – parecem indestrutíveis.

Trás-os-Montes é um território fora-da-lei, mítico, que se aproxima do western, com o lado da terra queimada, do acerto de contas. Há brutalidade nas relações. Eles amam-se, mas amam-se insultando-se. Queria que isso fosse o centro. Há uma divisão central nas famílias: os que emigraram e os que ficaram. A questão material degenera em crueldade. Há os que partiram, com o desejo de ascensão social, e que regressam mostrando o enriquecimento, e há os que ficaram, como a personagem de Ana Padrão, que ficou a tratar da mãe e do irmão cego, e que vivem num complexo de inferioridade.

Acredita em bruxas?

Gosto muito de [Carl] Jung, que dizia: “Não preciso de acreditar porque sei.” Efectivamente, não se pode explicar tudo. Acredito no mistério da vida e da morte e foi esse mistério que me fez querer fazer cinema. O desconhecido permite-nos questionar o invisível, ir à procura do secreto. É esse mistério que me coloca em movimento. Preciso de magia na minha vida. E um artista não pode fazer um filme sem acreditar nas histórias que conta.

(Excertos de entrevista a Cristèle Alves Meira, por Vasco Câmara, publicada no jornal *Público* a 17 de maio de 2022)

**Tenho muito a agradecer a Ana Padrão, Jacqueline Corado, Catherine Salé, Valdemar Santos, Pedro Lacerda, Nuno Gil pela generosidade com que trabalharam com os actores não profissionais. É preciso ter um olhar carinhoso sobre eles e paciência para conseguirmos contar todos a mesma história.*